

Ensinando e Aprendendo: experiência educ comunicativa com jovens de áreas rurais¹

Elisa Calvete Ulema RIBEIRO²

Gabriel Soares BARBOSA³

Benedito Diélcio MOREIRA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, MT

Resumo: Neste trabalho discutimos a troca de experiências entre estudantes de comunicação e alunos de ensino básico de escolas rurais que participaram do projeto “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica”, em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. Por meio de oficinas de produção de conteúdos midiáticos os alunos rurais produziram filmes, programas radiofônicos, editaram jornais e fotografaram a fauna e a flora da região. O objetivo do projeto é despertar entre os alunos o interesse pela pesquisa na escola, o gosto pela documentação do aprendizado e estimular o registro dos saberes populares da comunidade, passados de geração a geração.

Palavras-chave: Educomunicação, Juventude, Produtos Midiáticos, Cultura

Introdução:

O objetivo desse trabalho é discutir as trocas de experiências ocorridas com jovens rurais que participam do projeto “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica”, realizado na zona rural do município de Nossa Senhora do Livramento, cidade distante 35 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá. Este projeto conta com a participação de professores, técnicos e estudantes de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Além de Nossa Senhora de Livramento, outras duas cidades do interior Mato-grossense participam do projeto: Santo Antônio do Leverger e Barão de Melgaço. Neste texto discutimos as práticas educ comunicativas desenvolvidas em Nossa Senhora do Livramento. Segundo dados do IBGE (2010), o município de Nossa Senhora do Livramento apresenta a característica de ser uma cidade jovem, com a maior parcela de habitantes com a faixa etária entre 05 e 29 anos. Outro dado interessante é que a maior parte da população reside na área rural do município. A principal atividade econômica da cidade é a pecuária de corte, entretanto, o extrativismo vegetal, sobretudo do

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Radialismo da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: elisacalvete@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: himura.yagami@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho e Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: dielcio@ufmt.br

pequi e da madeira também faz parte da economia local. Além disso, há predominância da agricultura de subsistência. A cidade possui 28 escolas de ensino público.

Durante todo o ano de 2013 e nos primeiros meses de 2014 a equipe da UFMT se dirigiu até as localidades rurais duas vezes por mês, aos sábados. Os estudantes participantes das oficinas são alunos de Escolas Rurais. Conforme convênio assinado entre a UFMT e a prefeitura municipal de Nossa Senhora do Livramento, o município disponibiliza dois ônibus, que recolhem os alunos, moradores em nove comunidades da região. As oficinas foram desenvolvidas em uma das escolas das comunidades. Começava sempre por volta da 08h da manhã e terminava às 15h30. Funcionários da escola serviam almoço para os alunos e para os integrantes da UFMT. Os alunos cursam o Ensino Fundamental II ou Ensino Médio, com idade entre 14 e 17 anos.

Para muitos alunos rurais integrantes do projeto, a continuidade dos estudos após o Ensino Médio não é um caminho desejável. Para eles, concluir a educação básica é o suficiente. Quando questionados sobre o assunto, a maioria respondia que faria os mesmos tipos de serviços que os pais atualmente fazem. Geralmente, agricultores ou garimpeiros. Entretanto, com o andar do projeto, alguns alunos buscaram informações sobre as opções de curso que poderiam tentar em uma universidade. Entretanto, não foram apenas os alunos que passaram por mudanças no decorrer do projeto. Os acadêmicos de comunicação social, pelo contato com esses estudantes durante as atividades, tiveram a oportunidade de conhecer e apreender com os moradores da região.

As oficinas sobre mídias oferecidas aos alunos da zona rural tiveram como propósito tanto capacitá-los para a produção de textos, sons e imagens, organizados em jornais, vídeos, fotografias ou internet, quanto discutir o ato de escolha, os processos contidos na tomada de decisão, na edição. Ao longo do projeto, as produções resultantes das oficinas foram divididas em dois momentos. No primeiro, os alunos produziram a primeira edição do jornal O Cerrado, contendo informações sobre as comunidades e seus moradores, vídeos com temas livres, do tipo uma “câmera na mão e uma ideia na cabeça”, programas radiofônicos também com temas livres e fotografias, a critério do fotógrafo. Já no segundo momento, o processo de produção obedeceria a um plano, um projeto. Os alunos aprenderam a planejar e elaborar roteiros. As temáticas também foram previamente decididas para todos os meios: documentação do conhecimento aprendido em sala de aula e reconhecimento da importância dos saberes populares das comunidades

Metodologia:

O objetivo do projeto Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica é orientar os alunos do Ensino Básico de três cidades ribeirinhas de Mato Grosso a fazer seus próprios produtos midiáticos. Dentre esses produtos, estão programas de rádio, jornal, fotografia e vídeo. Para documentar a nossa experiência e registrar os fatos ocorridos nas oficinas, uma das ferramentas utilizadas foi o uso do Diário de Campo. Sempre que uma viagem é realizada, os componentes da equipe redigem suas percepções. “As anotações de cunho analítico fazem parte do diário de campo. Acredita-se que essas definições complementares possibilitam a compreensão desse instrumento como ferramenta de coleta e, ao mesmo tempo, de análise, o que contribui para o processo de investigação, nos estudos qualitativos. (GERHARDT et al, p. 2). Dessa maneira, ao escrever as percepções e impressões que tivemos nas viagens, contamos com vários documentos que auxiliam nos relatórios.

A nossa intenção, além de registrar as experiências, foi observar as mudanças que ocorreram com esses alunos durante o tempo de projeto e convivência com a equipe da UFMT. Bakhtin (2006) acredita que o homem está em constante diálogo com o que o cerca. Pelo simples fato de existir, ele dialoga com o mundo e o que nele existe. Isso causa mudanças. Entende-se que esse diálogo iria além do que ensinar a produzir essas peças midiáticas, mas haveria uma nova maneira de dialogar com a sociedade, tanto da parte dos acadêmicos quanto dos alunos rurais.

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. (FREIRE, SHOR, 1996, p. 48)

Primeira fase: Lúdica

A primeira viagem para Nossa Senhora do Livramento aconteceu no dia 11 de maio de 2013. As atividades seguiam esse modelo: Quebra gelo com dinâmicas, apresentação do projeto e filmes de projetos anteriores, realizados em duas comunidades rurais do município de Cuiabá: Aguçu e Rio dos Peixes. Como todo começo, as

dificuldades de entrosamento e a geração de confiança e ritmo de produção demandaram tempo e a adoção de dinâmicas de grupo, sobretudo porque o número de jovens interessados esteve na casa dos 40 alunos. A solução para o grande número de alunos e, por isso, alto nível de dispersão durante as oficinas, foi dividi-los em grupos e realizar várias oficinas simultâneas. Dessa maneira, haveria rotatividade de grupos e melhor aproveitamento.

Desde o primeiro dia os alunos se mostraram entusiasmados quando tinham a oportunidade de manusear as câmeras. As atividades geralmente eram divididas entre teoria e prática. Por exemplo: primeiro aprendiam teorias sobre enquadramento em fotografia para depois utilizarem o conteúdo teórico na prática fotográfica. E para entender um pouco mais sobre o cotidiano dos alunos, foi aplicado um questionário. As perguntas variavam desde questões sobre a família até o consumo midiático.

Um evento, organizado no mês de julho apresentou aos moradores das nove comunidades o resultados dos primeiros meses de trabalho. Antes do evento todos os produtos foram finalizados e todos, alunos e acadêmicos, trabalharam na organização das apresentações. Em vários momentos, os alunos tiveram auxílio tanto dos monitores quanto da equipe da TV Universidade (TVU), que gravava um documentário sobre o projeto. A empolgação era visível no rosto dos alunos. Alguns davam ideias sobre o que poderiam oferecer aos familiares e comentavam sobre a apresentação cultural que fariam.

O evento aconteceu no dia 13 de julho de 2013. A escola preparou o pátio para a exibição do material. Equipamentos do projeto “Cinema Ambulante” da UFMT foram posicionados e os espaços distribuídos. Além da apresentação dos filmes, fotografias e jornal produzidos durante as oficinas, os alunos organizaram uma apresentação de Siriri⁵ e o curso Música da universidade apresentou canções de música medieval. Acreditávamos que a música medieval, por conta dos sons muito distantes de nossa época, poderia dispersar os moradores, especialmente os mais jovens, mas, ao contrário, permaneceram atentos às melodias durante toda a apresentação. Neste evento, as comunidades conheceram melhor o projeto e acompanharam um documentário, que mostrou o que estava acontecendo nas outras duas cidades: Barão de Melgaço e Santo Antonio de Leverger.

O que mais chamou a atenção nos alunos, no entanto, foi ver os produtos que eles mesmos fizeram: “Prestavam muita atenção nos vídeos que levamos, em especial, o da

⁵ Dança folclórica e tradicional em Mato Grosso. Geralmente apresentada em festas regionais e/ou religiosas. Dançada em pares.

cidade de Livramento e os que eles apareciam: documentários e vídeos produzidos por eles mesmos” (RIBEIRO, 2013). O fato de terem se visto, ou de assistirem e ler algo produzido por eles mesmos, fez com que os alunos se empolgassem com a continuação do projeto.

2.3- Segunda fase: Planejamento

Diferente da primeira parte do projeto, na qual os alunos tinham oficinas e atividades práticas no mesmo dia, iniciamos uma nova metodologia: o planejamento. O objetivo, dessa vez, era discutir o produto antes de sua execução, planejar a produção, construir um roteiro, escrever, depois fotografar e filmar. Os produtos produzidos foram vídeos de divulgação científica - conteúdos aprendidos na escola, vídeos sobre os saberes da comunidade, tais como o cultivo do pequi, fabricação de farinha, uso de plantas medicinais entre outros, fotografias relacionadas á fauna e flora da região, artigos para a segunda edição do jornal o Cerrado e programas de rádio.

Segundo Zettl (2011), mesmo sendo simples, um material midiático precisa passar por uma série de processos bem feitos e planejados para chegar a um produto final satisfatório. A nossa ideia era de que os alunos não apenas compreendessem, mas elaborassem, planejassem e dominassem todos os processos de produção de um material midiático. Além disso, desde o início, conforme a orientação de Zettl, cada aluno deveria desempenhar alguma função de equipe de produção em cada material midiático. Desde o início, já foram escolhidos os alunos que tinham interesse em aprender a edição e montagem de vídeos.

Os alunos foram receptivos com a nova metodologia. Em parte, ainda estavam empolgados com o evento. Por outro lado, a ideia de trabalhar com os amigos da mesma comunidade os animaram, mesmo que achassem que teriam muito trabalho pela frente. Nesse dia, os alunos foram orientados sobre o processo de produção de materiais midiáticos. A primeira coisa que fizeram foram escolher os temas desses materiais. A princípio, por terem se acostumado com a forma de trabalho anterior, os alunos desanimaram por falta de atividades práticas nos primeiros encontros desta fase. A atividade de planejamento entediava. Por isso, alteramos o planejamento anterior e pautamos algumas atividades práticas no período da tarde. Com o tempo, foi perceptível que os alunos começaram a colocar em prática o que aprenderam até ali: manuseio de câmera, escolha de planos, escritura de roteiro para rádio e vídeo, elaboração de pautas e distribuição de responsabilidades entre os integrantes.

O maior diferencial dessa fase foi a etapa de pós-produção. Cada grupo selecionou dois colegas para participar de uma oficina de edição de vídeo, com o compromisso de ensinar em outro momento os demais integrantes. Esses alunos além de participar das outras etapas do projeto foram responsáveis pela edição de material audiovisual produzido. Surpreenderam a equipe pela facilidade com que dominaram o programa de edição. O evento de apresentação às comunidades da produção desta segunda fase ainda estava sendo planejado quando este texto foi concluído. Conforme convênio assinado com o município, a UFMT vai deixar na comunidade a ilha de edição, câmeras fotográficas e câmera filmadoras.

Resultados e discussão:

O nosso objetivo, além do registro da experiência, é também o de acompanhar as consequências de nossa presença na região e documentar o domínio pelos jovens das técnicas midiáticas, assim como aprender com eles e seus familiares sobre a vida e a convivência na zona rural. No nosso entendimento, o diálogo que estávamos travando com a comunidade se dava além do apenas ensinar como produzir peças midiáticas. Beneficiados pelo pensamento de Paulo Freire (1996), acreditávamos que com o domínio elementar das técnicas midiáticas, os estudantes também desenvolveriam uma nova maneira de dialogar com a sociedade.

Pensávamos nessa nova relação com o conhecimento e sociedade desde a nossa primeira viagem ao município. Nosso primeiro passo foi criar um mecanismo de aproximação. Para isso, começávamos o dia sempre com atividades coletivas e com dinâmicas de interação. Os intervalos entre as oficinas e no período de almoço também se tornaram momentos de envolvimento e troca de experiências. A princípio, pouco se falava sobre o que os jovens pensavam em fazer após o Ensino Médio. Alguns, disseram que seguiriam com os assuntos da família, que de um modo geral estão ligados ao garimpo e à agricultura de subsistência. Outros tentariam emprego em cidades grandes, como Cuiabá ou Várzea Grande. Não se falou em prosseguir os estudos com cursos técnicos ou de graduação.

A diretora da escola, em diferentes momentos, admitiu que o projeto “dava novas perspectivas de vida aos alunos”. Estávamos certos de que o projeto desempenhava um papel relevante naquela região. Vygotski (2005) acredita que a construção de um indivíduo enquanto homem necessita da interação com outros homens, e isso nos incentivava a pensar

que a nossa presença na comunidade tanto alteraria alguns dos conceitos e, ou, expectativas, como nossas ideias também seriam modificadas por força da experiência que estávamos tendo.

Dessa maneira, esse conhecimento não seria algo imposto ou instantâneo, mas algo que seria construído conjuntamente. Bakhtin (2006) acredita que a interação é uma consequência de o ser humano estar vivo e, por isso, deve permanecer em uma contínua atitude responsiva com o mundo ao seu redor. Esse estado constante de diálogo entre esse sujeito com o seu próprio universo, o transforma.

Pudemos observar a mudança no comportamento desses alunos com o passar do tempo e com a proximidade que essa interação pôde proporcionar. Antes, nos primeiros encontros, os intervalos das atividades eram utilizados pelos jovens para ouvirem músicas, geralmente em um volume tão alto que exigia sempre a intervenção da diretora. Aos poucos, os hábitos foram se modificando e os intervalos tornaram-se espaços de diálogo, de esperanças e dúvidas. As ideias de produtos midiáticos, antes próximos dos programas populares de televisão, deram lugar ao valor da cultura local.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e com o educador ensaiam a experiência profunda de assumir-se. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu” ou do “tu”. O autor defende que para que o aluno seja educado, precisa conhecer a ele mesmo como objeto de uma sociedade, história, cultura, etc. A partir daí sua educação e criticidade serão moldadas (FREIRE, 1996).

Além dessa visão crítica, os alunos passaram a dialogar, por meio do material produzido com sua própria comunidade. Ao escolher temas que eram corriqueiros em sua vida escolar e na sociedade em que vivem, os alunos passaram a expor, com seu próprio olhar, sua história e sua vida. Dessa maneira, olhando pelo lado da comunidade, acreditamos que a convivência dos alunos com a equipe da UFMT proporcionou a esses jovens uma nova maneira de observar e documentar aquilo que lhes é rotineiro. Da mesma maneira, nós mesmos nos tornamos mais sensíveis e mais abertos para aceitar as diferenças e ver o novo.

Portanto, não apenas os alunos rurais tiveram visões alteradas. Heráclito dizia que “Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre

ti.” (p. 32). Ao entrar em contato com os alunos, foi possível colocar em prática tudo o que nos foi ensinado durante a graduação até aquele momento. Além disso, o contato com uma cultura diferente daquela com a qual estávamos habituados em um centro urbano, além de nos surpreender, nos mostrou a maneira e a riqueza humana do homem do campo quando ele se une em suas tradições. Por isso, acreditamos que ao relatar suas histórias por meio dos produtos midiáticos aprendidos durante o projeto, os estudantes de Livramento tenham se empenhado além de nossas expectativas iniciais. Naqueles momentos, a sociedade ribeirinha foi capaz, dela mesma, contar a sua própria história.

Esse desenvolvimento do olhar crítico, construção do conhecimento e vontade de documentar o cotidiano de suas comunidades foi refletido na escolha de temas para os materiais a serem produzidos. Ao escolherem as temáticas dos vídeos, os alunos optaram por mostrar algumas coisas de seus cotidianos. Por isso, foram produzidos materiais que falavam da feitura da farinha de mandioca, por exemplo. Algumas temáticas apresentaram esse novo olhar crítico dos jovens: um grupo mostrou em seu vídeo científico a importância da coleta do lixo, outro apresentou os problemas que o tabagismo traz ao ser humano e outro, formado por filhos de pescadores, optou por conscientizar a comunidade sobre a pesca no período da piracema.

A fotografia, no geral, documentou partes do cenário da vida desses meninos. Alguns deles optaram por mostrar a fauna local fotografando aves. Outros mostraram a pesca em algumas fases: desde a preparação, a pesca propriamente dita e a culinária. Outro grupo resolveu relatar a vida de trabalho do boiadeiro por meio das lentes. Outro documentou as atividades no campo dos trabalhadores rurais. As matérias de jornal também refletiram a criticidade e desejo de documentação desses jovens. Histórias das comunidades e da escola foram redigidas pelos alunos. A cultura local teve seu espaço em uma coluna culinária e uma matéria sobre a colheita do pequi. A crítica veio dos alunos ao escreverem sobre o serviço de saúde pública local e o dano que o uso de drogas fazem ao corpo humano.

Considerações Finais

O estabelecimento de um diálogo com os jovens de Nossa Senhora do Livramento proporcionou a nós da UFMT, e também a eles, a oportunidade de um aprendizado não apenas de ferramentas e técnicas comunicacionais, às quais fomos instruídos pelo curso

superior, mas de convivência com ideias distintas, posicionamentos divergentes e trabalho coletivo. Entendemos hoje, e esperamos que os jovens da comunidade possam também compreender, que a comunhão de ideais transformam as necessidades e problemas em encaminhamentos, propostas e soluções. Acreditamos que alguém se torna *sujeito* de sua realidade quando atua sobre ela. Aprendemos com eles, inclusive, as mesmas técnicas sobre as quais lhes instruímos, isto é, aprendemos a fazer melhor o que imaginávamos já saber. Alguns deles já nos demonstraram que ensinarão os colegas no futuro, o que é um dos objetivos do projeto. Outros, entretanto, já nos mostraram que o projeto abriu portas novas, antes inimagináveis.

Ao longo do ano percebemos que a relação com os estudantes se tornava mais fácil à medida que ele e nós nos percebíamos como seres humanos e não apenas como monitor ou aluno. Passando a nos ver como indivíduos e companheiros no processo de descoberta do mundo. Essa mudança de tratamento acontece em gestos simples, como quando nos convidam para participar de suas atividades na comunidade, para conhecer seus lares e participar de suas festas. Esperamos que mesmo após a conclusão do projeto possamos continuar em contato e que esta experiência possa de fato contribuir com o entendimento e encaminhamento das questões locais, seja na escola, no trabalho ou na convivência social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Utilização do Diário de Campo**. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/598/141>>. Acesso em 08 mai. de 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> (Acesso em: 09/07/2013)

_____. **Cidades@**. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> (Acesso em: 09/07/2013)

LÉVY, P. & AUTHIER, M. **As árvores de conhecimentos**. 2 ed. São Paulo: Escuta, 2000.

RIBEIRO, Elisa Calvete Ulema. **Diário de Campo dia 13 de julho de 2013**. Cuiabá: 2013.

_____. **Diário de Campo dia 09 de novembro de 2013.** Cuiabá: 2013.

SOUZA, José Cavalcante. **Os pré-socráticos.** São Paulo: Nova Cultura, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão.** Trad. 10^a ed. Norte Americana. São Paulo: Cengage, 2011.